

Corpo e cultura midiática na cidade de São Paulo: eventos corrida de rua¹

Trabalho apresentado no GP de Interfaces Comunicacionais, do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

Rosicler Pereira dos Santos²
Universidade Paulista – UNIP

Resumo

Esta comunicação tem por objetivo analisar as relações entre corpo (como mídia primária), cultura do esporte e cidade a partir dos eventos de corrida de rua na cidade de São Paulo. O objeto do estudo são os eventos de corrida de rua na cidade, no qual estão inseridos elementos de consumo, marketing e entretenimento ligados ao corpo e ao esporte. O esporte estudado sob a ótica das Ciências Sociais e da Comunicação (Teoria da Cultura) se apresenta como mobilizador de milhares de pessoas, com um discurso hegemônico que versa sobre a qualidade de vida e felicidade. Vamos refletir sobre fronteiras sociais e geográficas que se cruzam nesses eventos dando a conhecer questões ligadas a (visibilidade, *bodyscape* e cidade).

Palavras-chave: Corpo; esporte; cidade e cultura visual.

A construção de significados na sociedade: o corpo como mídia primária

A presente pesquisa nasce da inquietação e percepção da autora sobre a prática de esporte e a observação de corpos em movimento em eventos esportivos. Em meio a tantos avanços tecnológicos no século XX, o corpo continua sendo a máquina fundamental para ir e vir. Especificamente, temos o esporte de corrida de rua como fonte de inspiração e grandes questionamentos como: quem corre; quais as fronteiras que se borram na cidade de São Paulo durante as corridas; quais os elementos de consumo e distinção social se imbricam; como se relacionam questões de corpo e visibilidade; que mercados paralelos circundam as corridas; mídia primária, secundária e terciária.

Tratarei do corpo palavra que vem do latim *corpus*, sempre vital ativo da evolução, ele, é atribuído à pré história e à história. Isso deve dar às ciências humanas e sociais e,

¹ GP Comunicação e Culturas Urbanas

² Mestranda do PPG Comunicação e Cultura midiática da Universidade Paulista – UNIP, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Simone Luci Pereira email: santosrosicler14@gmail.com

particularmente, à antropologia histórica, uma prioridade com relação às ciências da natureza e às variantes da antropologia que tomam isso como modelo. (KAMPER, 2002). Conceituar o corpo é o enfoque germinal para o avanço desta pesquisa, estudada sob a perspectiva da comunicação e da sociologia que é voltada para o estudo dos fenômenos sociais, e nas relações interpessoais da sociedade o corpo se faz primordial.

Nos estudos de Le Breton em a Sociologia do Corpo (2007), o autor considera que não é possível qualquer questionamento sem a construção de seu objeto e a elucidação daquilo que se subentende. Questiona ainda se o corpo não estaria envolvido num véu de representações. Não se vê corpos. O corpo não existe, o que existe são homens e mulheres, segundo ele. Ele, o corpo, corre o risco de nem ser universal. As inúmeras representações visam dar carne ao homem ou dar um corpo ao homem.

Muitos estudos ainda encaram o corpo como algo fragmentado que separa o homem (mente) de seu corpo. No campo da medicina há legitimação para a mortificação do corpo, pois o entendimento está no fracionamento. Se o pensamento cartesiano contribuiu para a construção de um conhecimento biológico e no desenvolvimento de uma prática clínica cientificamente mais consistente, o paradigma da ciência pós-moderna numa perspectiva transdisciplinar permite vislumbrar novos pressupostos que resgatem duas dimensões da unidade do ser humano: uma como um ser próprio em seu ambiente, e outra como um promotor de saúde e não só de doenças. Um corpo estudado sob as ciências da medicina, fragmentado, mas que também recebe influências de um contexto social. Segundo Le Breton (2007), o entendimento do corpo do homem se dá de uma maneira sistêmica.

[...] as representações do corpo, são representações da pessoa. Quando revelamos o que faz o homem, os limites, a relação com a natureza e com os outros, revelamos o que faz a carne. As representações da pessoa e do corpo estão sempre inseridas nas diferentes comunidades humanas. O corpo parece explicar a si mesmo. Isso é totalmente enganoso. O corpo é construído tanto nas suas ações sobre a cena coletiva, nas teorias que explicam o seu funcionamento e nas teorias que o homem encarna. (LE BRETON, 2007, p.24).

Em a Síndrome de Frankenstein, Le Breton afirma que (apud SANT'ANNA, 2001, p. 35) os corpos se revelam no descortinar das cenas coletivas, e estas possuem diferentes representações em suas culturas. Na cultura ocidental, o corpo humano está fundado num fechamento da carne sobre ela mesma e sobre a humanidade intrínseca e única dessa matéria que traça para o homem seu rosto e sua forma; ele, o corpo, é o vetor da

individualização e estabelece a fronteira da identidade pessoal. O corpo individualizado é, e sempre foi usado como bandeira das grandes mudanças e manifestações, no qual há um chamado para a “liberdade” do corpo, desprendido do gênero, como se estes fossem o seu véu ou sua carne, uma fantasia que lhe dá a extensão e aparência. O autor constrói e desconstrói uma dualidade em relação ao corpo apontando um estudo importante da psicanálise, em que o corpo é para o indivíduo a sua existência e ao mesmo tempo este poderia ser analisado fora de um corpo concreto. Le Breton afirma que:

Nesse contexto o corpo é colocado não como algo indistinto do homem, mas como uma posse, um atributo, um alterego. O homem é a fantasia desse discurso, o sujeito suposto. A apologia ao corpo é sem que tenha consciência, profundamente dualista, opõe o indivíduo ao corpo e, de maneira abstrata, supõe uma existência para o corpo que poderia ser analisada fora do homem concreto. Denunciado frequentemente pela psicanálise, esse discurso de liberação, pela abundância e pelos inúmeros campos de aplicação, alimentou imaginário dualista da modernidade: essa facilidade de linguagem que leva a falar do corpo, sem titubear e a todo momento, como se fosse coisa que o corpo de atores em carne.(LE BRETON, 2007, p. 10).

Fazendo um recorte sobre a importante teoria de Lacan que aborda a questão do corpo de forma analítica e diferente de outros autores, na qual a psicanálise analisará o corpo e o sintoma por meio da palavra.

Ao mesmo tempo, a psicanálise sendo muitas vezes convocada no exato ponto em que a Medicina se depara com seus limites, mostra que o ser humano não se restringe ao corpo biológico, afirmando o inconsciente e a linguagem como constituintes fundamentais. Nesse sentido, podemos considerar que qualquer abordagem, seja médica, farmacológica, corporal, etc., que aborde o sujeito como puro organismo, desconsiderando o campo do inconsciente e do desejo, faz uma leitura parcial do ser humano. (CUKIERT, 2002).

Reconheço a importância dos estudos do corpo na área da psicanálise e o entendimento do ser humano como um todo. Entretanto, seguirei no viés da abordagem biológica, social e cultural. Os termos corpo ou carne nos remete a construção de um indivíduo. Este para viver em sociedade é preciso ampliar os laços sociais, prover significados e valores, tudo para o desenvolvimento da socialização conjunta do corpo. Pois este corpo, ou este homem ou mulher, só encontra representação social se apresentado no conjunto cultural e nas cenas coletivas. Cenas apresentadas por Morin em seu livro *O enigma do homem* (1973) revelam que através do sepultamento do corpo, onde rituais de decoração, adorno, pinturas, formas de posicionamento-fetal (renascimento), indicariam

uma preocupação cultural e coletiva, em cuidar de um corpo que deixa sua marca e se apresenta na construção que o autor chamou de um progresso da individualidade. Destacamos assim que o corpo é do indivíduo e a individualidade só ganha representação se for cultural e coletiva.

Morin (1973) aponta que não só o corpo que vive é importante, mas também a importância da sepultura no qual este corpo passará pela transformação de que acredita ser de um estado para o outro.

Aquilo que a sepultura *neandertalense* testemunha não é somente uma irrupção da morte na vida humana, mas também modificações antropológicas que permitiram e provocaram essa irrupção. (MORIN, 1973, P. 102)

Morin (1973) define o homem com uma unidade Bio-Psico-Sócio-Cultural. O ser humano Biológico como qualquer animal, é também Psicológico (diferente de outros animais), porque pensa, fala, escreve. É social, pois vive numa sociedade em constante dinâmica. É cultural, não sendo passível de compreendê-lo só na leitura biológica. Aprende a comer, a se vestir, as regras sociais, entre outros. Um ser humano que estando presente a tantas unidades de saberes, encontrou formas de se comunicar, através do próprio corpo, com gestos, expressões, formas e linguagens. Dos estágios do nascimento à morte marca sua presença perante a história que o descreve, nas cenas coletivas que o representam.

Corpo: mídia primária

O corpo antropológico, histórico, biológico, químico que passa por processos bioquímicos e de intervenções culturais é amplamente apresentado na obra *Medienforschung* (Investigação dos media), de Harry Pross (1972). O autor propõe que a mídia é muito mais ampla do que o jornal, rádio, televisão, internet, entre outros. O corpo como a mídia primária, é anterior a todos eles. Segundo Baitello (2005):

[... não haveria rádio, televisão, telefone, computadores em rede, se não tivéssemos no início e no final de qualquer mídia um corpo vivo. Não teríamos comunicação se na frente de um aparelho (de telefone, por exemplo) e atrás do outro aparelho (de telefone, fax, televisão, rádio, entre outros) não houvesse pessoas]. (BAITELLO, 2005: 62).

Pross (1971) propõe assim uma classificação dos sistemas de mediação para a construção dos processos comunicacionais, sendo eles: Mídia Primária, Mídia Secundária e Mídia Terciária. Para o autor a mídia considerada primária se dá no corpo, uma vez que “toda comunicação começa no corpo e nele termina” que sendo natural e biológico, o corpo comunica para a sobrevivência. Conforme a obra do autor o corpo é o primeiro meio de comunicação, independente de tempo e espaço. Criaram-se códigos, desenvolveram-se percepções, afinaram-se os movimentos, mas sempre haverá uma forma de comunicação corpórea. De acordo com Pross (1971), o corpo é a mídia primária, natural e individual. A mídia primária se traduz em toda comunicação inicial com o convívio em sociedade que parte do mesmo princípio, o “corpo”, como elemento da comunicação humana e gerador de vínculos com os outros seres humanos. A esse corpo, damos formas, movimentos e expressões não sendo um corpo estático. Desde muito antes de nascer, um corpo de um feto já reage à voz da mãe. (Baitello, 2005:62).

Pross (1971) classifica o corpo como mídia primária, o corpo como elemento biológico que possui audição, paladar, tato, visão que emite sinais que podem ser trocados, ele o corpo é linguagem. A linguagem dos sinais e dos indícios se transformam em complexas linguagens dos gestos, microgestos e macrogestos (Baitello, 2005). Segundo Baitello, todas as expressões corporais emitidas através de gestos entre dois corpos no sentido da horizontalidade espacial serve para demonstrar que se a mensagem foi recebida e entendida não é necessário continuar emitindo (falando ou gesticulando). O gesto feito com o corpo, com as mãos, as expressões, são elementos da mídia primária, mas exige que do outro lado o receptor saiba decifrar os sinais do código emitido, gerando assim a compreensão ou incompreensão. Além da linguagem verbal, o gesto com as infinitas possibilidades sendo nos movimentos das mãos, ombros, rubores da face, a postura, o choro, a lágrima, a expressão do olhar, da testa, da boca, odores, ritmos e rituais, tudo pode ser padronizado e exprimir informações em diferentes culturas, mas também gerar desconhecimento em outras, pois essas informações reafirmam experiências vividas pelos mediadores. De acordo com Pross (1971), as gesticulações são mais difundidas em sociedades consideradas primitivas, o que nos apresenta uma sugestão de que o corpo como mídia primária, antecede a linguagem.

Na mídia primária juntam-se conhecimentos especiais em uma pessoa. O orador deve dominar gestualidade e mímica. (...) o mensageiro deve saber correr, cavalgar ou dirigir e garantir a transmissão de sua mensagem. Toda comunicação humana começa na mídia primária, na qual os participantes individuais se encontram cara a cara e imediatamente presentes com seu corpo: toda comunicação humana retornará a este ponto. Pross (1971) (apud BAITELLO Jr, 2001:231).

A mídia primária (o corpo) possui uma característica essencial; a “presença” das pessoas. É preciso estar presente emissores e receptores em um mesmo espaço físico e num mesmo tempo, pois é nesse contexto que tensões e surpresas, de suas sensorialidade múltipla e de sua sensualidade potencial (quem negaria a proximidade da fala com o beijo? E do beijo com o ato primordial da evolução ontogenética³a comunicação humana, a amamentação?) (Baitello Jr, 2001:235). Segundo Baitello, abre-se um campo antes ignorado nas Ciências da Comunicação para o estudo da etologia comparada e etologia humana.

O corpo como mídia primária e os códigos regulamentadores de vínculos

O corpo como mídia primária se comunica, mas não é uma comunicação universal total mas sim uma comunicação por movimentos que podem ser interpretados por códigos. O autor tcheco Ivan Bystrina (apud, BAITELLO, Jr, 2005) que explana a respeito das “pontes” entre os códigos citados por Pross, divide-os em três categorias: Hipolinguísticos (processos biológicos, físico-químico, entre outros), linguísticos (comunicação, como tal entendemos), hiperlinguísticos e culturais. São estes códigos que regulam as trocas informacionais, intraorgânicas e os complexos processos culturais. Bystrina demonstra como os códigos culturais interferem nos códigos hipolinguais e vice-versa. Os códigos culturais são os que explicam os problemas que não estavam previsto nos níveis anteriores, construindo assim uma outra linguagem referencial imutável da realidade da vida. Entretanto esses três níveis possuem traços invariantes conhecidos durante todo período histórico. Podemos dividi-los quatro níveis:

1. Caráter binário – a construção dos códigos socioculturais, desde os mitos até os códigos mais complexos como a ideologias, está

³ Termo desenvolvido pelo naturalista alemão Ernst Heinrich Philipp August Haeckel (1834), sobre a Teoria da Recapitulação (ou Lei da Recapitulação Ontoflogênética).

registrada as seguintes oposições: certo/errado, revolução/contra/revolução, puro/impuro, céu/terra, homem/mulher, entre outros; 2. Polaridade – as estruturas binárias são ordenadas de maneira polar, em que um polo adquire mais força que outro (começo/fim, nascimento/morte, entre outros); 3. Assimetria – o pólo negativo é sempre mais forte que o positivo (a morte e a velhice são muito mais fortes que a infância e o nascimento); 4. Indicativos para a ação – propicia a superação da assimetria negativa através de mecanismo de: complexidade de estruturas binárias, criando tríades: transpolarização dos contrários (inversão do pólo negativo para o positivo e vice e versa: união dos opostos e mediação através de um intermediário; separação, com regras e fronteiras bem definidas. (BYSTRINA, 1989 apud ZAMPRONHA, 2001)

No universo dos eventos de corrida de rua que estudamos, o corpo é elemento fundamental e primário para que toda estrutura de ordem econômica, urbana, cultural, institucional e mercadológica possa se organizar. O corpo antecede qualquer estrutura esportiva. O corpo, dentro do contexto do evento, apresenta os códigos citados por Pross (1971) e desenvolvidos por Bystrina (1989), chamou de: “estrutura de base binária polar-assimétrica” dos códigos de comunicação, que é possível descrevê-los na dinâmica do evento. O corpo como citado por Le Breton (2007), não existe. O corpo estaria coberto por um véu de representações. O que existe são homens e mulheres. Homens e mulheres que possuem suas diferenciações representadas pelos códigos hipolinguísticos (biológicos, físico/químico) que podem ser lidos nas cenas das corridas de rua.

Nos eventos de corrida de rua de porte internacional e com atletas profissionais, a largada é organizada por gênero e categoria de forma que os homens saem 15 minutos antes das mulheres. Há diferenciação de categorias em relação ao primeiro e ao último lugar. O código da estrutura binária é presente em todos os eventos, sejam eles para amadores ou profissionais. Começo e fim, primeiro e último são destaques durante a comunicação do evento. Pois o primeiro requer honras de tapete vermelho, com marcação e quebra de tempo *record*, direito ao pódio que é o lugar mais alto (alto-céu, baixo-inferno). Quanto ao último corredor, ele também é acompanhado pela estrutura do evento, mas com o objetivo de liberação das vias públicas, pois existe um tempo máximo previsto para o início e término do evento, no qual ao chegar já não existe tapete vermelho, nem o pódio mais baixo, não há condecoração alguma, nem recepção, nem flores, entre outros elementos que compõe o cerimonial da chegada dos primeiros colocados. Podemos observar como o código da assimetria apresenta o negativo sempre mais forte que o positivo. Chegar em último lugar,

não é apreciado por ninguém, mas observamos que em alguns casos a superação da assimetria negativa através da transpolarização do contrário⁴ no qual o negativo passa a ser o positivo, o último lugar tem destaque de primeiro lugar. Os códigos ajudam a explicar os problemas não previstos em outros níveis (como cultural, social), e a compreender também o círculo crescente de praticantes de corrida de rua no Brasil.

A cidade e o consumo

A corrida está dentre os esportes mais praticados no Brasil, atrás apenas do futebol, e apresenta crescimento em todas as classes sociais. A corrida de rua reúne cerca de quatro milhões de atletas profissionais e amadores participando de 600 provas anuais e nacionais, o que movimenta mais de R\$ 3 bilhões anualmente segundo a FPA- Federação Paulista de Atletismo⁵.

Descrevo neste momento a etnografia realizada em São Paulo, no dia 31 de agosto de 2014. Ponto de partida e chegada: Assembléia Legislativa de São Paulo. Nome da Corrida: Disney Magic Run. São seis mil corredores, num domingo de manhã, em uma única prova (pois existem eventos de rua concomitantemente em São Paulo, distribuídos em outros pontos não citados neste trabalho), em que se apresentam todas as classes sociais divididas de A a E conforme critérios do IBGE e informações da organizadora. A organizadora obtém informação de classe social por conta da inscrição do participante no site www.corpore.org.br, mas isso não é um limitador ou diferenciador, é apenas mais um canal de informação para o conhecimento melhor do público corredor de rua, não deixando de ser, entretanto, um elemento de conflito. É comum um corredor amador, figura conhecida do universo da corrida de rua, sem acessórios, sem suporte tecnológico, com uma profissão ainda de pouco mérito no Brasil, lixeiro, ser o vencedor da prova. Conflitos instantâneos surgem no cenário reafirmando os conflitos de classes originados pela desigualdade social. Compreender as relações sociais e a cultura do consumo no universo da corrida de rua é bastante instigante, uma vez que como qualquer modalidade esportiva, ninguém é obrigado a praticar. A cultura do consumo, a lógica do capital derivada da produção, ou do consumo aponta para os modos socialmente estruturados de usar bens para demarcar relações sociais (FEATHERSTONE 1990).

⁴Transpolarização do contrário; uma forma de compensar o acontecido (morreu, mas estava sofrendo;- descansou).

⁵Disponível em <http://www.atletismofpa.org.br/> Acessado em 05 de junho de 2015.

Falar em consumo de bens oculta um amplo leque de bens consumidos ou adquiridos à medida que novos aspectos do tempo livre são progressivamente mediados pela aquisição de mercadorias. Isso oculta à necessidade de estabelecer diferenças entre bens de consumo duráveis (que usamos para subsistência e lazer, como refrigeradores, automóveis, aparelhos de som, câmeras) e não duráveis (comida, bebida, roupas, produtos para o corpo) e as alterações na proporção de renda em cada setor ao longo do tempo Hishman 1982, cap 2; Kline e Jhally 1986, p. 260 (apud FEATHERSTONE 1990, p. 33).

Pela lógica do mercado os produtos de consumo são aqueles comprados por pessoas físicas para seu benefício pessoal ou de sua família. E ainda podem ser estudados e subdivididos em: produtos de conveniência (setor primário); comprados com frequência, sem comparação com outros produtos e, predominantemente, com preços baixos, como pão, leite, arroz, feijão, entre outros: produto de compra comparada (setor secundário); comprados com menos frequência, pelo processo de comparação dos atributos e benefícios com outros produtos, tendo em geral preços altos, como: roupas, móveis, eletrônicos; produto de especialidade: com características bem diferenciadas e/ou imagem de marca forte, mais difíceis de serem encontrados e pelos quais o cliente realiza um esforço maior de procura e compra, como produtos de grife; relógios, cirurgia plástica. Para Douglas e Isherwood (Apud FEATHERSTONE, 1990, p.37), acrescentam um conjunto de informações, correspondentes à produção terciária que seriam (bens de informação, educação, artes, atividades culturais e de lazer). Os autores enfatizam que há um aspecto duplamente simbólico das mercadorias que buscam associações que podem ser utilizadas para enfatizar diferenças de estilos de vida, demarcando relações sociais (FEATHERSTONE 1990).

O termo “rua” significa o espaço, o lugar por onde o corredor passará, e a corrida está associada a estilo de vida, relações de poder e cultura do consumo. Um consumo de entretenimento que conforme Veiteiz (2002) sugere ser plausível que pelo desenvolvimento das forças econômicas, no futuro, as pessoas se ocupem mais com o tempo livre do que com o trabalho, enfatizando o espaço que a cultura do entretenimento, lazer e consumo vem ganhando. Featherstone (1990) apresenta três perspectivas sobre a teoria do consumo que estão relacionadas amplamente na área esportiva.

A primeira é a concepção de que a cultura de consumo tem como premissa a expansão da produção capitalista de mercadorias que deu origem a uma vasta acumulação de cultura material na forma de bens locais e de compra e consumo. Isso resultou na proeminência cada vez maior do lazer e das atividades de consumo nas sociedades ocidentais contemporâneas, fenômenos que embora sejam bem-vistos por alguns, na medida em que teriam resultado em maior igualitarismo e liberdade individual, são considerados por outros como alimentadores da capacidade de manipulação ideológica e controle sedutor da população previndo qualquer alternativa melhor de organizações sociais. (FEATHERSTONE 1990, p.31).

Essa primeira concepção fala na proeminência cada vez maior do lazer e das atividades de consumo. O esporte tem sido visto como lazer e de forma absolutamente positiva pelas capas de revistas e outras mídias que apresentam um universo de produtos de bens de consumo para o leitor. A sedução está nos modelos de corpos desenhados e redesenhados conforme o momento.

Segundo lugar, há a concepção mais estritamente sociológica de que a relação entre a satisfação proporcionada pelos bens e seu acesso socialmente estruturado é um jogo de soma zero, no qual a satisfação e o status dependem da exibição e da conservação das diferenças em condições de inflação. Nesse caso, focaliza-se o fato de que as pessoas usam as mercadorias de forma a criar vínculos ou estabelecer distinções sociais. (FEATHERSTONE 1990:31).

Revelado pelas pesquisas etnográficas, reafirmo a criação de vínculos e a distinção social, distinção que se apresenta nos detalhes das cenas presenciadas. As pessoas chegam sozinhas ou em grupos, com amigos ou familiares para correr. Uns, munidos de aparatos tecnológicos de última geração (celulares, relógios, marcadores de tempo, entre outros). Categorizados como bens de consumo; aquilo que é determinado pelo mercado como produtos de status. Outros se apresentam sem estes aparatos tecnológicos, mas se apresentam como consumidores de outra forma.

Presente no lócus do evento de corrida de rua pude observar e acompanhar por alguns metros alguns corredores. Perguntei para um corredor (um homem com aparência de 38 anos, alto e magro) que passava a passos tranquilos: o que o senhor come, durante a prova? Ele me respondeu: “rapadura, moça, dá muita energia”. Um outro corredor (mais jovem por volta de 25 anos, e esguio), a centímetros de distância, pude observar o que ele

comia. Percebi que precisava rasgar com os dentes, pois era um sachê de carboidrato em gel, suplemento para dar uma energia a mais durante a prova, e conhecidíssimo e muito consumido no universo esportivo. A indústria da suplementação nutricional tem presença garantida nos eventos de corrida de rua. Às vezes vem como item de amostra grátis no kit pré prova numa estratégia de marketing para tornar o produto conhecido. Buscando tirar o olhar de consumidor, e tentando deixar apenas um olhar de pesquisador, me deparo com um julgamento, ainda que discreto aqui transcrito, “rapadura e sachê de carboidrato”. Para Bourdieu (1984) (apud FEATHERSTONE 1990), “o gosto classifica, e classifica o classificador”. Preferências de consumo e estilo de vida envolvem julgamentos discriminadores que identificam nosso próprio julgamento de gosto e, ao mesmo tempo, o tornam passível de ser classificado pelos outros.

Em terceiro lugar, há a questão dos prazeres emocionais do consumo, sons sonhos e os desejos celebrados no imaginário cultural consumista e em locais específicos de consumo que produzem diversos tipos excitação física e prazeres estéticos. (FEATHERSTONE 1990, p.31).

Como medir o prazer emocional do consumo, os sonhos e desejos? Essa é uma questão que pretendo investigar nos questionários e entrevistas que serão aplicados e analisados numa etapa posterior. Uma forma de prazer que é possível responder neste momento é, segundo o médico e praticante de corrida de rua Dr. Drauzio Varela (2015), que a corrida melhora a saúde, a resistência cardiorrespiratória, melhora a composição corporal, além de proporcionar força e resistência muscular localizada. Aqui pontuamos uma questão biológica do corpo que pode estar relacionada a questões de consumo levando em consideração a excitação física e prazeres estéticos, de um corpo vivo em movimento e de adequação e saúde da atualidade, de adequação aos biopoderes já enfatizados por Foucault (1979).

Prazer em consumir já foram pontuados por Walter Benjamin (1982), quando discutia o surgimento das lojas de departamentos e galerias que surgiram em Paris e posteriormente em grandes cidades a partir da metade do século XIX, que eram efetivamente “mundos de sonhos”. Consumo não somente nos shoppings centers, mas como

diz Canevacci (2008), em uma dimensão mais performativa, como as exigidas pelos parques e restaurantes. Cabe a relação de consumo performativo com o esporte, através da aquisição de bem material, o status, as relações sociais, as teorias do consumo; cultura do consumo; vínculo social, prazer, culminando numa série de mercadorias e experiências simbólicas produzidas pelas indústrias culturais. No evento, a “rua”, é o espaço para que este corpo ganhe forma, visibilidade, pois está inserido na cena coletiva. Coletiva no sentido de percepções que são afloradas quando do encontro com o outro colega corredor, no coletivo, na questão de volume, de massa de participantes. Num mesmo lugar, com o mesmo objetivo de “correr”, a leitura dos elementos na cena coletiva, não transpõem barreiras sociais, elas são evidenciadas e os vínculos são reafirmados. Tudo acontecendo na metrópole comunicacional (Canevacci, 2008) que é São Paulo. Esses espaços onde ocorrem os eventos podem ser classificados por Canevacci (2008) de interstícios. Que são espaços ou zonas *in between*, isto é, que estão entre lugares bem conhecidos. Interstício é uma coisa flexível, mutante, flutuante, e como, o autor sugere, pode ser observado nos espaços das *raves*. Portanto, entendemos que a metrópole contemporânea, a metrópole comunicacional, desenvolve-se muito graças também aos interstícios.

Interstício sua característica flexível e, mutante, e nos apropriamos do termo para destacar os locais onde ocorrem os eventos em São Paulo: Entorno do Parque do Ibirapuera (Avenida 23 de maio), Museu do Ipiranga (Avenida Ipiranga), Centro Histórico (Viaduto do Chá). Canevacci (2009), explica que a cidade é o *body-scape*, um corpo panorama. A mesma metrópole de ir e vir todos os dias se transforma numa arena esportiva, no qual se cruzam profissionais e amadores. Certeau (1994) nos apresenta uma leitura sobre essa transformação, dos lugares, das ruas, das praças, das malhas viárias que podem se mostrar ausente de significados, (*corpse* ou corpo morto, como diz Canevacci), mas que no dia do evento ganham apropriações e experiências/vivências por parte dos participantes (*body* – corpo vivo, segundo Canevacci). Para Certeau “[...] a rua geometricamente definida pelo urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres” (1998, p. 202). Os eventos de corrida de rua tem a característica de transformar lugar em espaço ainda que por um tempo determinado onde depois tudo volta a ser lugar. Partimos do pressuposto de que ser cidadão é vivenciar a cidade, experiência-la, pensa-lá, senti-la, olhá-la, toca-lá, apropriando-se e reinventando o cotidiano pelos diferentes modos de fazer [...] (Herschamann; Fernandes, 2014, p. 20). Os corredores de rua estão no “entre” da metrópole de São Paulo, se apropriando dos espaços públicos ainda que organizados institucionalmente, e não se dão

conta da sua participação na transformação momentânea de corpo (cidade) vivo e corpo morto. Os eventos de rua se desenvolveram e são representativos para a cidade, pois ficam entre o trabalho e a casa do corredor, que conhece o espaço e desfruta do mesmo apresentando-se com outros elementos de consumo.

Importante notar que este corredor amador, é o mesmo que cruza a cidade para se deslocar fora dos dias de eventos. O praticante da corrida que participa dos eventos de rua colabora com o consumo em fases. Ele, o corredor, é direcionado por etapas que são sugeridas para o consumo antes, durante e depois do evento. Aplicando ao mesmo tempo a força das mídias, seja primária que leva o corpo a se deslocar; a secundária com os suportes informativos e sinalizadores da comunicação, e a terciária, que envolve toda questão eletrificada Pross (1971), desde os chips que marcam o tempo cronológico, até o componente nutricional que acelera o metabolismo. O consumo se apresenta de forma racional e não irrefletida (Garcia Canclini 1995), na cultura letrada ou comum (Williams 1958). No esporte considerado e intitulado de “rua”, a cultura não é uma esfera inocente, é sim um meio importantíssimo para a reprodução da estrutura de classes da sociedade capitalista de acordo com Bourdieu (1979). O esporte de corrida de rua desenvolve a interação social gerando vínculos e atuando como um provocador no ápice do seu momento que é a premiação do primeiro ao terceiro lugar. Nesse instante é quando ocorre inversão dos eixos horizontal para vertical (Baitello, 2008). Aquele momento da largada no eixo horizontal (símbolo de relações igualitárias) dá lugar ao eixo vertical (o lugar mais alto), o destaque, o coroamento, a linha tênue dos elementos do consumo, da distinção de classes transbordam. Na fração milimétrica de segundos medida pelo tempo cronológico o corpo biológico, se apresenta como mídia primária que consome enquanto corredor, e a cidade (local) é consumida como “corpo” (trajeto) para o corredor.

A pesquisa segue com as pesquisas etnográficas e questionários a serem aplicados de forma a encontrar algumas pistas: o que tem levado tantas pessoas nessa mobilização de correr nas ruas de São Paulo? O que buscam? Que cidade é esta que vai esboçando nesta apropriação de espaços nos dias de corrida? Que relações se estabelecem entre corpo, cidade, cultura do consumo e midiática? Retomando a questão de Le Breton (2007), o autor questiona ainda se o corpo não estaria envolvido num véu de representações? Não se vê corpos. O corpo não existe, o que existe são homens e mulheres. Ele o corpo, corre o risco de nem ser universal. As inúmeras representações visam dar carne ao homem ou dar um corpo ao homem. De que forma estes sujeitos estão buscando suas representações? Como a

cultura midiática se apresenta através da mídia primária – o corpo? Como tem se desenvolvido a cultura do consumo no cenário esportivo, e quais as fronteiras se borram no circuito das corridas, as formas de consumo no esporte de rua?

REFERÊNCIAS

- BAITELLO, Jr.N. *Corpo e imagem: comunicação, ambientes, vínculos*. In: Rodrigues, David (org.). Os valores e as atividades Corporais. São Paulo: Summus, 2008.
- CANCLINI.N.G. *Consumidores e Cidadão: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro; Editora UFRJ: 1996.
- CANEVACCI. M. *Fetichismos visuais. Corpos Eróticos e Metrópole Comunicacional*. São Paulo, SP: Atêlie Editorial, 2008.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CUKIERT, M. *Considerações sobre eu e o corpo em Lacan*. Scielo. 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v7n1/10961.pdf>
- MORIN, E. *O enigma do homem: para uma nova antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- FEATHERSTONE, M. *Cultura do consumo e pós modernidade*. São Paulo: Studio Nobel, 1995.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal 1979.
- KAMPER, D. *Cosmo, Corpo, Cultura*. Enciclopedia Antropologica. A cura di Christoph Wulf. Ed. Mondadori. Milano. Italia. 2002.
- _____. *O Corpo Vivo, o Corpo Morto*. Disponível em: http://www.cisc.org.br/portal/biblioteca/iv2_corpovivo.pdf. Acesso em: 20 de abril de 2014.
- _____. *O corpo*. Disponível em: http://www.cisc.org.br/portal/biblioteca/iv2_corpo.pdf. Acesso em: 02 de maio de 2014.
- HERSCHMANN,M.;Fernandes,C.S. *Música nas ruas do Rio de Janeiro* [recurso eletrônico], São Paulo: Intercom, 2014.

- LE BRETON, D. *A Sociologia do Corpo*. 2.ed. Tradução de Sonia M.S Fuhrmann. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- PROSS, H. *Medienforschung*. Darmstadt: Carl Habel, 1971.
- SANT'ANNA, D. *Corpos de Passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- VIEITEZ, C. G. Marx. *O trabalho e a evolução do lazer*. In: BRUHNS, H.T. (Org). *Esporte e lazer: tarefa e chance para todos*. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1984.
- VARELLA, Drauzio. *Correr*. São Paulo: Saraiva, 2015.
- ZAMPRONHA, E. *Arte e cultura: estudos interdisciplinares*. In SEKEFF.M (org), São Paulo: Annablume, 2001.